

Homenagens

NAS ESQUINAS COM GODARD E FASSBINDER

Reynaldo Pinheiro

Eu e Carlão (como Carlos Reichenbach era conhecido e tratado) morávamos perto um do outro no bairro de Higienópolis, em São Paulo. De seu apartamento, na Rua Piauí, até minha produtora são menos de três quadras. Nos últimos tempos, em função da sua saúde, ele tinha recomendação médica de caminhar, coisa que fazia costumeiramente e com certo prazer. Era comovente cruzar com o Carlão pelas ruas do bairro.

Nossos encontros aconteciam nas esquinas, na “padóca”, nos entornos da Praça Buenos Aires e, principalmente, na av. Angélica. Eram encontros repletos de simbolismo: esquinas, cruzamentos, bordas.

Numa das últimas vezes que o vi, eu estava com meu cãozinho da raça Teckel, (popular “salsichinha”), chamado Godard. “*Godard?*” perguntou ele. “*Que genial!*”. Foi a senha para mais uma conversa de esquina, onde eu sempre mais ouvia (aprendia) do que falava. Mestre é mestre. Aprende-se ouvindo com interesse e curiosidade. Suas falas eram verdadeiras aulas da história e obra dos grandes diretores de cinema. E quanta generosidade Carlão possuía nas falas e nos gestos.

Lembro que há décadas atrás, na Vila Madalena, cruzava também muito com Carlão, nos intervalos de mixagem de um dos seus filmes, nos Laboratórios Álamo, na Rua Fidalga. Eu tinha meu estúdio-casa em frente ao laboratório e, infalivelmente, encontrava Carlão. Eu o chamava carinhosamente de “rato de set” (denominação utilizada no meio cinematográfico para definir quem “vive” no set de filmagem e adora filmar) e ele dava um largo sorriso.

Num dia, num belo fim de tarde, contei pra ele que tinha recém assistido, no Museu Lasar Segall, “Roleta Chinesa”, de Werner Fassbinder, e que eu estava deslumbrado, atônito, com o filme.

“*Você já viu esse filme, Carlão?*” A resposta veio rápida, contundente, numa verdadeira aula de cinema alemão, onde mais uma vez, eu mais ouvia que falava. Foram quase duas horas de conversa de pé, numa esquina, ele discorrendo apaixonadamente sobre diretores dos quais, alguns, eu nunca tinha ouvido falar. Coisa de mestre. O pouco que sei de

cinema alemão devo a ele. Mas não só de cinema alemão. De cinema japonês, iraniano, francês, russo.

Lembro que certa vez, depois de ir com minha mulher a um restaurante meio fora do circuito institucionalizado, no Canindé, ao lado do campo da Portuguesa de Desportos, chamado “Galinhada do Bahia”, escrevi um texto sobre essa deliciosa experiência, indicando o lugar numa lista de cineastas na Internet. Carlão leu e me mandou um e-mail em seguida: *“Quer dizer que além de tudo, você também é crítico gastronômico? Que beleza de narrativa! Fique com vontade de conhecer”*. E colocou meu texto no blog dele. Ele realmente gostou do meu texto. O que não é pouco.

No meu primeiro curta-metragem “Mais Luz”, resolvi homenageá-lo no filme. Pedi que falasse dos grandes mestres japoneses, na porta da entrada de um antigo cinema na Liberdade. Naquele dia ele foi também de uma grandeza e generosidade incomuns. Além desse registro no filme, tenho até hoje a foto guardada de nossa conversa na porta do Cine Niterói, com o proprietário da sala, um japonês incrível.

Que figura talentosa, doce, culta, amável e grandiosa foi Carlão. Um mestre, um sábio, um poeta. E um grande amigo e confidente.

Lá, onde estiver, deve estar pensando no melhor enquadramento possível para se filmar o mundo, agora, visto de cima. O mundo, suas bordas e suas esquinas. Esse mundo contraditório e bizarro que ele soube, como poucos, retratar tão bem.

Ao mestre das minhas esquinas, só posso dizer, obrigado. Minha alma está impregnada do seu saber e generosidade intelectual.

Reinaldo Pinheiro é diretor e produtor de cinema.
Dirigiu seis curtas, um média e o longa-metragem “Nossa Vida Não Cabe Num Opala”